

Outros fins que não a morte: O existir para pessoas trans* e travestis durante a velhice

Palavras-Chave: TRANSGENERIDADE, ENVELHECIMENTO, LAERTE

Autores(as):

VY MOTTA FERREIRA, NEPO – UNICAMP

Prof^ª. Dr^ª. GLAUCIA MARCONDES (orientadora), NEPO - UNICAMP

INTRODUÇÃO:

Pensar a velhice e discorrer sobre a mesma evoca diversas questões que perpassam a vida de uma pessoa; entre elas sua qualidade de vida, direitos e relações afetivas. A literatura sobre envelhecimento tem mostrado que o envelhecer tem sido experimentado física, social e simbolicamente de forma diferenciada entre os diversos segmentos sociais. E é nesse debate que este trabalho se situa, procurando refletir sobre transgeneridade e velhice. Especificamente, o que sabemos sobre o envelhecimento de pessoas trans? Quantas delas existem até esta fase da vida? Sendo uma população marginalizada e negligenciada pelo Estado e que está exposta a riscos de morbimortalidade que reduziriam sua expectativa de vida de forma desigual ao que se dá para o conjunto total da população, como as suas existências são visibilizadas? Logo, esta pesquisa visou a partir de pesquisa bibliográfica e análise do material visual produzido pela quadrinista trans Laerte, refletir e trazer à tona questões pertinentes ao envelhecimento de pessoas transexuais e travestis no Brasil.



Figura 1 (UOL, 2016)

METODOLOGIA:

O desenvolvimento dessa pesquisa foi pensando a partir de duas etapas. Uma 1º etapa em que os esforços tanto no levantamento dos trabalhos quanto em suas análises e discussões visaram criar um escopo inicial teórico, que fosse suficiente para se começar a compreender o que se tem disponível sobre tais velhices dentro da literatura e o que se esperar do que vem sendo produzido. No que diz respeito a 2º etapa, foi feita a busca, leitura e divisão em categorias dos materiais de tirinhas que Laerte produziu em sua carreira nos últimos 25 anos, tanto em livros quanto nos materiais postados em suas redes na internet, que conseguissem circunscrever palavras chaves como “velhice”, “transgeneridade”, “espelho”, “tempo” entre outras que dialogassem com a temática da pesquisa e que pudessem trazer à tona conexões mais subjetivas de tais identidades tendo como perspectiva o primeiro momento.

RESULTADOS E DISCUSSÃO:

As travestis e transexuais femininas constituem um grupo de alta vulnerabilidade à morte violenta e prematura no Brasil. Apesar de não haver estudos sistemáticos sobre a expectativa de vida das travestis e transexuais femininas, Antunes (2013) afirma que a expectativa de vida desta população seja de 35 anos de idade, enquanto a da população brasileira em geral, é de 74,9 anos (IBGE 2013). (BENEVIDES, 2020)

Estes dados tornam ainda mais urgente a necessidade de falar sobre a importância do envelhecer dentro do contexto de existências trans*¹. Estas existências além de já sofrerem por estigmas que as colocam à margem da sociedade ainda na juventude, sofrem também com as invisibilizações que dizem respeito às suas identidades e sexualidades também na terceira idade, quando nela conseguem chegar. Abordando especificamente o envelhecimento de travestis, Antunes e Mercadante (2011b, p. 77) deixam clara a importância de se estudar essa intersecção “[...] justamente por ser um segmento populacional que sofre exclusão em qualquer idade. Pouco se sabe sobre esse período da vida delas, até mesmo entre os membros do próprio grupo. Será que envelhecem? Se sim, como isso acontece?”.

Este trabalho de pesquisa toma como referência a faixa de idade para que uma pessoa seja considerada idosa em contexto brasileiro. Essa faixa de idade, de acordo com a Lei Nacional de Nº 10.741, de 1º de Outubro de 2003 determina que idoso é aquele que possui idade *igual ou superior a 60 anos*. Ao tratar-se de uma população reconhecidamente marginalizada e exposta a maiores riscos que

¹ *Quando enunciado comunidade e/ou pessoas trans com o uso do asterisco é uma forma de se atentar a pluralidade de gêneros que o termo pode carregar consigo. A autora Letícia Nascimento (2021, p. 18-19) em sua obra “Transfeminismo” se utiliza do mesmo recurso e elucida que: “[o uso do asterisco] sinaliza a ideia de abarcar uma série de identidades não cisgêneras. De modo particular [...]: transexuais, mulheres transgêneras, homens transgêneros, transmasculines e pessoas não binárias. [...] opto por geralmente fazer referência à travesti fora do termo guarda-chuva, assumindo, portanto, uma postura política de afirmação das identidades travestis.”

afetariam de forma significativa sua expectativa média de vida, o que nos dizem os estudos que se debruçam sobre as condições de vida das pessoas trans que chegam nessa etapa da vida? O que dizer das suas expectativas e possibilidades de existência? Existem avanços no tratamento de direitos e políticas que incorporem as especificidades das pessoas trans enquanto sobreviventes de um *cistema* colonial? (VERGUEIRO, 2016). Estas pessoas têm garantia dentro de um Estado e de instituições que foram pensadas e erguidas para corpos cisnormativos?

Viviane Vergueiro (2016) em sua conceitualização da cisgeneridade nos traz a noção de que a cisgeneridade se colocando como identidade modelo e natural, cria uma dicotomia grosseira entre as identidades trans*- cis. Nesse jogo de oposições as identidades trans acabam por serem consideradas como “*não naturais e desviantes*”. Dessa maneira, tais identidades por fugirem do modelo hegemônico se tornam marginalizadas, já que estão sob uma lógica colonial - ou como bem traz a autora em seu texto, dentro de um modelo “*ciscolonial de sociedade*”:

A organização cisnormativa de ideias morais e familiares é indissociável dos históricos projetos coloniais europeus, cristãos, branco-supremacistas, projetos que instaura(ra)m diferentes formas de colonialidade contra diferenças étnico-raciais, cosmogônicas e de interpretações socioculturais sobre corpos e identidades de gênero. Daí a importância de atrelar os entendimentos e análises sobre cisnormatividade às colonialidades históricas que ainda hoje fundamentam determinadas normatividades. (VERGUEIRO, 2016, p. 264-265)

Tal processo se estende para os corpos trans velhos com um duplo peso, uma vez que também atravessam os estigmas que as sociedades têm da velhice. Antunes e Mercadante (2011b, p. 84) fazem uma passagem explicitando que a noção do envelhecimento e o lugar da velhice acompanham o capitalismo e as necessidades de consumo e produção. Conforme se tornava sistema econômico vigente, era necessário afastar o idoso da sociedade e aposentá-lo, já que não produzia e não gerava retorno até que então morresse. Hoje, o envelhecimento se ressignifica e torna-se gradativamente um novo ramo dentro do mercado, com novos anseios e demandas desse grupo etário.

Com tais questões levantadas, principalmente relacionadas à forma como o sistema funciona, nos deparamos com realidades onde, para corpos cissexuais, envelhecer próximo a uma família, de origem ou composta, é uma possibilidade de segurança durante o envelhecer. No entanto, para muitos dos corpos trans seria impensável cogitar isso, como vemos na obra “*Introdução as velhices LGBTI+*” que nos diz que pensar sobre essas velhices para tal população está para além do senso comum já que a mesma “[...] teve que romper com os vínculos afetivos e de suporte social da família biológica, na tentativa de conquistar sua liberdade, autonomia, independência e expressão de sua identidade.” (RABELLATO, et al., 2021, p. 21) . A partir dessa realidade de pessoas trans já em idades jovens, vem à tona o primeiro ambiente de exclusão social, o da família. Tal situação também foi confirmada por Pedro Antunes e Elisabeth Mercadante em seus estudos (2011b, p. 90): “A exclusão da travesti já começa na

família, justamente por não se adequarem às regras sociais, o próximo desafio é a escola. O nome social que elas desejam usar, combinado com a aparência [...]”.

No artigo publicado por Antunes e Mercadante em 2011a, intitulado “Travestis, envelhecimento e velhice” é citado que a falta de estudos publicados pertinentes ao tema os levaram às suas investigações, tal como esta pesquisa se propõe a integrar a ampliação do debate posto pelos autores. Segundo os mesmos, travestis, por não se enquadrarem em normas de gênero já pré-estabelecidas, são excluídas da sociedade e aquelas que estão em processo de envelhecimento são duplamente estigmatizadas (Ibidem, p. 111). Este debate mostra como a juventude vem sendo valorizada na atualidade e a velhice, como sua antagonista, vem trazendo as noções de morte e decadência física, ao mesmo tempo em que vem surgindo novos vislumbres para esta fase da vida, pelo fato do aumento de idosos no mundo (Ibid., p. 118).

Na obra “Velhice Transviada” de João W. Nery - primeiro homem trans a realizar a cirurgia de redesignação sexual no Brasil, em 1977 – o décimo capítulo foi intitulado como “A velhice começou aos doze”. Neste capítulo o autor entrevista Anyky Lima, uma ativista transexual que também milita pela velhice, e que, ao ser questionada por Nery sobre sua trajetória diz: “*Sonho com o dia em que pessoas trans possam viver tanto quanto eu. Nem sei como sobrevivi.*” (NERY, 2019, p. 92). Para além do nome do capítulo que nos impulsiona a questionar quando começa a velhice de uma pessoa trans, se realmente seria aos 60 anos como garante a Constituição ou ainda na juventude, vemos na fala de Anyky que a mesma considera ter sobrevivido e não vivido. É impactante a diferença entre viver e sobreviver nestes casos, pois, chegar à velhice, enquanto mulher trans, ultrapassa a necessidade de cuidados gerontológicos e se torna um ato de lutar para sobreviver.

CONCLUSÕES:

Algumas das tirinhas de Laerte retratam as sensibilidades da infância, as descobertas e incertezas que seguem até a fase da velhice. É de se questionar sobre como a identidade é expressada como em permanente construção, elaboração e enraizamento. Trata-se da expressão subjetiva daquilo que se pode aprender no concreto: as identidades são transitórias e seguem alinhadas ao percurso e momento de vida das pessoas, não cabendo a terceiros definições imutáveis. Ficando assim como possibilidade de prosseguimento e ampliação do debate se levar em conta estudos que pensem desde a infância até a velhice e se aprofundem nas conexões de curso de vida, de memória e acessos.

Logo, o estudo aqui presente buscou possibilitar a expansão das reflexões e ampliar sistematizações das possibilidades do existir para pessoas trans e travestis durante e até a chegada da velhice não unicamente em um lugar delimitado, mas no campo social, das artes audiovisuais e nos ambientes de discussão em que ele vem sendo apresentado e debatido. Sendo assim, não se espera que os esforços para fortalecer e alimentar o tema se encerrem aqui, mas que assim como Grin Debert pensou

sobre uma *Reinvenção da Velhice* (2020) dentro de um *cistema colonial* (VERGUEIRO, 2016), que esta produção e as que estão por vir pensem uma reinvenção - ou invenção, para sermos justos - de uma velhice trans* para todas as pessoas que são velhas ou virão a ter a dignidade de poder envelhecer sentindo-se respeitadas por suas identidades.



Figura 2 (COUTINHO, p. 149: 2021)

BIBLIOGRAFIA

- ANTUNES, P. P. S.; MERCADANTE. E. F. **Travestis, envelhecimento e velhice**. Revista Kairós Gerontologia Temática, 14(5), ISSN 2176-901X, São Paulo, dezembro 2011a: 109-132.
- ANTUNES, P. P. S.; MERCADANTE. E. F. **Algumas contribuições da filosofia e sociologia na compreensão do envelhecimento e velhice de travestis**. REVISTA PORTAL de Divulgação, n.11, Jun. 2011b: 76-95
- BENEVIDES, Bruna G.; NOGUEIRA, S. N. B. (Orgs). **Dossiê dos assassinatos e da violência contra travestis e transexuais brasileiras em 2020**. São Paulo: Expressão Popular, ANTRA, IBTE, 2021. Disponível em: <<https://antrabrasil.files.wordpress.com/2021/01/dossie-trans-2021-29jan2021.pdf>>
- BRASIL. **LEI No 10.741, DE 1o DE OUTUBRO DE 2003**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.741.htm>
- COUTINHO, Laerte. **Manual do Minotauro** - 1º ed. - São Paulo: Quadrinhos na Cia, 2021.
- NASCIMENTO, Leticia Carolina Pereira do. **Transfeminismo** - 1º ed. - São Paulo: Jandaíra, 2021.
- NERY, João W. **Velhice transviada: memórias e reflexões** - 1º ed. - Rio de Janeiro: Objetiva, 2019.
- VERGUEIRO, V. **Pensando a cisgeneridade como crítica decolonial**. In: MESSEDER, S., CASTRO, M.G., and MOUTINHO, L., orgs. Enlaçando sexualidades: uma tessitura interdisciplinar no reino das sexualidades e das relações de gênero [online]. Salvador: EDUFBA, 2016, pp. 249-270. ISBN: 978-85-232-1866-9. Disponível em: <<https://doi.org/10.7476/9788523218669.0014.>>